



TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO.

Ana Claudia Do Prado Lima ¹

RESUMO

Este artigo é oriundo de um estudo das principais teorias da educação brasileira, no intuito de desenvolver uma reflexão das diferentes tendências pedagógicas e suas repercussões nos processos educativos, relacionando com as problematizações em torno da educação escolar como instrução para mão de obra, buscando elucidar as principais questões no embate que se dá entre educação e trabalho, analisando as relações da sociedade capitalista com as teorias educacionais. Nesse percurso se realizou um processo investigativo de pesquisa e análise das principais teorias brasileiras da educação, a luz de autores críticos e do materialismo histórico dialético, o que proporcionou refletir a educação e sua prática, imbricada com o plano político que mostram desde o início a educação como uma instrução para mão de obra.

Palavras-chave: Práxis pedagógica, Educação, Tendências Pedagógicas, Trabalho.

INTRODUÇÃO

A escola e a educação passaram por inúmeras reformas, e com as ideias iluministas que influenciou as reformas pombalinas, se passou a pensar em uma instrução pública e na construção do Estado moderno intervencionista, o que com o percurso histórico passa por influências liberais e conservadoras. As reformas na educação e as ideias pedagógicas se colocam no plano político e mostram desde o início a educação como uma instrução para mão de obra.

A educação perde sua dimensão emancipatória e foca na instrumentalização, voltada para acompanhar o crescimento e transformação do capital. Com as leis do ventre livre e lei dos sexagenários fez com que os dominantes pensassem em uma mudança gradual para essa nova mão de obra não escravagista, contando com os imigrantes. Refletindo com Boto (2010) observa-se que a transformação social desde a idade média passando do período colonial até a república levou a educação a diferentes

¹ Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville -UNIVILLE - SC, bolsista FAPESC. anaclaudiapradolima@hotmail.com.



concepções, construindo diversas ideias pedagógicas influenciadas pelo iluminismo e pombalismo.

A educação passa a compor importante papel na construção da sociedade capitalista, ressalvas que a educação e as escolas se mostram com muitas carências desde o período imperial. Observa-se que o período imperial, entre muitos outros precisa ser entendido como um processo de desenvolvimento histórico da sociedade capitalista global, sendo importante conhecer e compreender que a sociedade como capitalista se renova e dessa forma acentua as desigualdades e estas refletem na educação.

Com isso a educação e a pedagogia têm diferentes sistemas e reformas que refletem até hoje seus métodos e sistemas, entre elas temos como principais as ideias de Paulino de Souza e de João Alfredo, também a reforma de Leôncio de Carvalho que contribuiu com Ruy Barbosa, e este abrangeu diferente dos outros os jardins de infância na educação. Ressaltando também o projeto de Almeida Oliveira, e Leôncio o barão de Macahubas que propôs extinguir castigos e prêmios, tendo como ônus desconsiderar os jardins de infância. Este com a escola ativa assim como Dewey prezava uma escola mais atrativa, e como Froebel via as mães como primeiras educadoras, já Leôncio pautado em uma educação moral atrelada à religião conciliava ideias modernas às tradicionais.

Percebe-se que essas reformas e sistemas refletem até hoje concepções de educação e pedagogias a serviço do trabalho e produção, com divergências e rupturas no que tange o acesso a educação como igualitário e universal. Diante deste panorama é que se desenvolve este artigo, com o objetivo de desnudar as barreiras a uma educação democrática e de perceber além de questões focais o que realmente estrutura e serve de base para a construção da educação brasileira, construção essa que nos dias atuais não está isenta de sua gênese histórica do colonialismo e nem de suas contradições. É importante destacar que a educação vista como instrução apenas para o desenvolvimento da mão de obra e da manutenção da sociedade capitalista não é uma relação intrínseca a ela, pois a educação pode seguir um viés emancipatório tanto quanto alienador.

METODOLOGIA



Este estudo partiu de um processo investigativo de pesquisa e análise das principais teorias brasileiras da educação, a luz de autores críticos utilizando a lente do materialismo histórico dialético para refletir a educação e sua prática imbricada com o desenvolvimento da sociedade capitalista, para construir uma práxis pedagógica.

Ciente de que o materialismo histórico dialético se faz como uma representação científica do movimento real, um “todo artístico” uma arte que une as categorias pesquisadas, depois de passar por sucessivas comparações e diferenciações, sendo as contradições o cerne do objeto pesquisado, segundo Fernandes (1984) é um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas, para isso é imprescindível na análise das tendências pedagógicas realizadas nesse texto.

Ao construir este artigo analisando textos referente à temática abordada, o materialismo histórico dialético contribuiu para ir além do que já está posto, pois estuda além das “funções da ciência” ou das “tarefas da história”.

Toda a análise, pesquisa e posterior escrita do artigo aqui apresentado, estão corporificados pelo método do materialismo histórico, que se faz presente desde o pensar no texto, pois possui como intenção e objetivo de ver além do que os olhos conseguem, e enxergar o que estrutura a gênese da educação que temos hoje.

Inicialmente utilizou autores clássicos como Dermeval Saviani, ligados as tendências pedagógicas e a história da educação no Brasil, para apreender e conhecer a história da educação brasileira, em segundo momento foi realizado a leitura e pesquisa de textos que elucidaram o processo histórico da educação atrelado ao desenvolvimento da sociedade capitalista. E Por fim foi realizado um entrelaçamento das leituras para construir uma reflexão e discussão, relacionando com a educação no contexto atual que estamos vivenciando na sociedade tendo como norte reflexões de autores marxistas como Paulo Freire (2013).

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensando nas propostas de reconstrução educacional é possível remeter a década de 1920, que é marcada por um período pós-primeira guerra mundial, que vai influenciar muito a transformação cultural no Brasil, sendo um período de afastamento da influência Européia em busca da identidade da nação, embora ao mesmo tempo



passa-se a ter os EUA como um novo grande referencial, por ter se consolidado como uma grande potência no pós-guerra.

Assim, na área da educação brasileira, há grandes discussões em prol de um projeto de reconstrução que olhasse para a sociedade. Esse movimento ocorreu em todas as classes, e no meio da elite há um frenesi pelo liberalismo, especialmente o que vinha sendo desenvolvido pelos EUA, nesse sentido, eram as sugestões reformativas para a educação.

Refletindo com Russeff (2001), observa-se que por parte dos operários, foi um período de reivindicações e protestos na luta por melhores condições salariais e de trabalho, surgindo líderes sindicais que pensavam para além deste campo, buscando também direitos sociais como a própria educação. Neste cenário, diversos professores descontentes com a educação tradicional passam a colocar em evidência as suas necessidades, batendo de frente com as ideias pedagógicas vigentes, até então muito voltadas a uma ordem católica/tradicional e classista.

Muitos desses professores que buscavam a reconstrução educacional idealizaram o Manifesto dos Pioneiros, tendo por isso recebido críticas de educadores católicos. Esse embate vai além do Manifesto e desperta nos defensores da educação pública a necessidade de divulgar e propor reformas com base em trabalhos de autores que influenciaram a escola nova, como Anísio Teixeira.

Nunes (2000, p. 16) mostra em seu texto que em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da escola nova tem como influência o ideal de organização da escola de Dewey como representação da sociedade. E Anísio Teixeira vai perceber as diferentes condições entre as experiências brasileira e norte-americana, buscando a organização de serviços centralizados de apoio ao ensino, incluindo instrumentos de aferição da aprendizagem e do rendimento escolar.

Durante a década de 30, Anísio Teixeira ainda influenciou os ideais de reforma educacional trazendo os princípios de organizar a escola de acordo com a sociedade, uma mini-sociedade; sintonizar o currículo escolar com o desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança; ter um currículo escolar voltado para o desenvolvimento de hábitos de ação autônomo e hábitos de vida conjunta refletindo o ideal democrático de Dewey, entre outros.

Anísio Teixeira foi um dos signatários da Educação Nova, um programa de reconstrução educacional no país para pensar a educação enquanto direito social e não



mais como privilégio. Buscava assim, uma educação para todos, pública e de qualidade que conduzisse à democracia.

Ainda que fortemente influenciado pelas ideias de Dewey (EUA), Anísio articulava-se com bastante posicionamento, inclusive criticando a força das tradições na sociedade brasileira que poderiam prejudicar o desenvolvimento da educação.

Diferente de Dewey, não envidava seus esforços tão especialmente às crianças, mas também aos jovens, buscando a construção de um campo cultural pelas universidades, pois estes poderiam trabalhar efetivamente na construção de sua autonomia. A sua defesa para que nas universidades e, sobretudo nas pesquisas, fosse possível a produção de conhecimentos para a transformação social, propondo soluções às questões que afligem a sociedade. Anísio Teixeira “Declarava-se, enfim, a favor de uma educação voltada para o desenvolvimento, que realmente habilitasse a juventude brasileira à tomada de consciência do processo de autonomia nacional” (NUNES, 2000, p.21).

Tendo muito apreço à pesquisa, entendo-a como valor que deve ser vinculado à docência. Anísio Teixeira, tinha também atenção especial à qualificação docente. Assim, o modelo de reconstrução educacional que seguia era pela disseminação da mentalidade científica e estilo de vida democrático, enfrentando outros posicionamentos como o do próprio governo federal que em determinado período se importava mais com a disseminação de valores nacionais, para melhor aceitação da autoridade dos líderes.

Na década de 50 com a mentalidade desenvolvimentista presente neste momento histórico do Brasil os ideais de modernização e industrialização se relacionaram com a pedagogia de Anísio Teixeira, culminando em um projeto moderno de sociedade ao transformar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em órgão, cria também o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, “o que evidencia uma união entre público e privado”, além de ter participado ativamente das discussões referente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Nunes (2000)

Anísio protagoniza, acima de tudo, um momento de transformação na educação brasileira, de rompimento com o tradicionalismo para dar lugar ao progressismo, entendendo a educação como direito que deveria estar a serviço de um projeto político-social que levasse em conta também os oprimidos, devendo ser em seu todo libertadora



e progressista, entendendo que todo esse movimento somente seria possível dentro de um regime democrático.

Diante do exposto, é importante refletir que ao longo da história a educação é atrelada ao Estado, e mesmo com diversas mudanças a educação é tratada como instrumento do Estado, utilizada para atingir os objetivos da classe dominante. E apesar deste trajeto manipulado, a educação também serviu como voz aos silenciados, se tornando almejada á todas as classes, e com isso a educação apesar das bases elitistas de sua construção, não é passiva, e mesmo sendo disseminadora das ideologias dominantes passa a ser observada como instrumento de emancipação das classes minoritárias.

No âmbito dos dominantes, estes reconhecem o sistema educacional como ideológico, e passa a ser visto como responsável pela baixa qualificação da mão de obra e consequentemente pelas desigualdades, sendo a solução encontrada pelo Estado a tecnologia educacional, que com a pedagogia tecnicista no Brasil sobre tudo, na ditadura militar se mostra essencial na construção de um método técnico e consistente para sanar os problemas encontrados.² É importante saber que a herança iluminista e renascentista da educação por vezes ainda é evidente, e mantém ampla relação com a economia e com fundamentos teóricos e metodológicos arraigados aos modelos dos anos 60, focado no desenvolvimento de capital humano, e na educação como instrução ao desenvolvimento econômico, concepções que foram guia do Estado nos anos 60 legitimadas com o tecnicismo e tecnocracia.

Diante disso, muitas indagações surgem, sendo a mais latente o fato de ainda ser muito presente no sistema educacional aspectos do tecnicismo e da tecnocracia, sendo o principal e mais preocupante o fato de que nas décadas anteriores, especialmente na ditadura militar, a base que possibilitou estas ideologias e adentraram os sistemas educacionais e o senso comum, provavelmente se evidencia nos dias atuais na educação e na sociedade como um todo, principalmente nas políticas e programas direcionados á educação de crianças e famílias pobres, uma concepção racionalista de mundo que fragmenta a educação em sua construção em nome da eficiência e

² Para melhor aprofundamento sobre a técnica e a tecnologia na relação trabalho e educação sugiro o texto de FRIGOTO, Gaudêncio. Fundamentos científicos da Relação Trabalho e Educação no Brasil de hoje. . In: LIMA, J. C. F. e NEVES, L. M. W. (Orgs.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, p. 241-288.



pragmatismo, alastrando novamente uma visão determinista e mecanicista, retomando preceitos positivistas da ciência, que com as tecnologias educacionais cada vez mais avançadas encorajam discursos vazios de conceitos humanizadores e foca na meritocracia e tecnicismo, desvalorizando o intelectual.

Estes conceitos tecnocráticos são incorporados ao sistema educacional e este vínculo é imperceptível, ligado à teoria do capital humano, um instrumento para ampliação da produtividade econômica, que está como justificativa na maioria das políticas públicas do país.

E ainda relacionado ao trabalho, a educação passa por diversas reformas e quebras de paradigmas, se evidenciando no Brasil com a relação entre a psicologia e educação, algumas tendências construtivistas dos anos 20 aos anos atuais, e no construtivismo Piagetiano passa por diversas concepções, sendo incorporado aos movimentos educacionais. Com a obra de Piaget disseminada no Brasil e com tentativas de ser aplicado nas escolas, observa-se que na década de 50 o país mantinha um plano desenvolvimentista marcado por grandes avanços e mudanças culturais na educação, passando pelo movimento escolanovista, pelas reformas educacionais como as de Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando Azevedo entre outros, ambos com uma íntima relação dos modelos educacionais com a economia e política, influenciados pelo pragmatismo liberal da escola nova, ainda com resquícios de uma influência higienista.

Longe de uma linha do tempo da educação o intuito é refletir com Chakur (2014), que em diversos momentos as reivindicações educacionais se confundiram com interesses políticos, questão esta já discutida no início do texto, e que se intensificou na década de 60 com a ditadura militar com a tecnocracia e a educação tecnicista. Nas décadas de 70 e 80 a influência do construtivismo para além da instrumentação da ação pedagógica é muito forte se evidenciando com a LDB e os PCNs, com uma concepção construtivista de interpretações por vezes deturpadas, o que mostra a importância de considerar o contexto das afirmações feitas por Piaget na história, e as ideias da educação com relação à psicologia. As reflexões de Piaget sobre a educação predominavam o movimento reformista e os ideais da escola nova, e isso gerou muitas concepções errôneas e deturpadas em torno do construtivismo e da sua prática, vista como uma solução dos problemas de aprendizagem e também na construção do currículo.



Diante disso se destaca o aplicacionismo trazido no texto, a tentativa de relacionar a teoria psicológica com a educação, que tornou o currículo escolar mais técnico e por sua vez está entrelaçada a formação de professores, que até os dias atuais esvai o seu valor intelectual, tendo uma desvalorização social da profissão docente.

Se como disse Chakur apud Piaget (2014, p. 36) "a pedagogia está longe de ser uma simples aplicação do saber psicológico", o construtivismo de Piaget com o auto governo e com a valorização das crianças e métodos ativos, ainda prevalece e se bem interpretado traz benefícios á educação bem como aos educadores que com uma formação adequada e amparada em teorias democráticas, viabilizará reformas educacionais contextualizadas ás realidades da escola brasileira preocupada com um currículo multicultural e emancipatório. Para isso é importante a compreensão além dos conceitos estudados, mas da época de sua formulação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produtividade econômica atrelada à educação nos leva a refletir a relação que estabelecemos com o trabalho, e, além disso, pensar que a relação que temos com o trabalho não é isolada da sociedade e da evolução como um todo. E para melhor aprofundar as relações da educação com o trabalho é importante refletir com Antunes (2004) e Savioli (1996) conceitos de Engels e Hegel sobre a evolução do homem e do trabalho; observa-se que a adequação do “ser” para suprir suas necessidades diante da natureza o levou a evolução cognitiva e física, e com o passar do tempo o homem dominou a natureza, e o trabalho se revelou como essencial no despertar da consciência.

Com isso nota-se que o ser humano esta em constante mudança física e cognitiva, o que desenvolve o raciocínio e pensamento lógico, proporcionando o surgimento de outras áreas como o direito a política as artes e filosofia. A evolução permitiu e favoreceu o uso da razão, e tendo a negação para superar determinada fase, o trabalho se tornou a fonte de toda riqueza e passou a distinguir os homens dos macacos.

Refletindo a evolução e percebendo a transformação mediada pelo trabalho, o movimento evolutivo se revela no cotidiano escolar, na ânsia em adequar-se e suprir determinada necessidade que é revelada pelo trabalho, podendo resultar consequências drásticas na manutenção de um capital insaciável. O cotidiano escolar e a história da



educação revela muito dessas transformações, pois a escola é vista como encarregada na metamorfose dos sujeitos aptos para o trabalho.

Com essas reflexões se destaca as concepções de mundo e de homem que também estão em constante transformação, podem ser observadas e relacionadas com o processo de modificação da matéria prima em trabalho, que por sua vez gera riqueza e é responsável pela transformação do homem. Diante disso é necessário refletir que homem, e que trabalho é este que tem mediado à transformação desse processo dialético, pelo qual o trabalho leva á evolução e a evolução leva ao trabalho.

Dessa forma percebemos todo este movimento um processo histórico, pelo qual o novo é constituído do velho, mas de forma aperfeiçoada, sendo necessário refletir a história dicotômica dos opressores e oprimidos. Com a evolução e transformação dos homens e da sociedade essa dicotomia ainda é presente, carregada de heranças, mas com uma nova vestimenta revestida pelo utilitarismo, pragmatismo, qualidade, igualdade, responsabilidade, entre outros discursos que assolam o cotidiano escolar e vem reificando a manutenção de um capital humano evidenciado desde a primeira infância quando são trabalhadas as etapas do desenvolvimento pelo estímulo e resposta.

Na sociedade capitalista o trabalhador é quem gera a riqueza, e a divisão por classes legitima a apropriação da mais valia que é produzida pelo trabalhador, sendo perceptível a divisão que a sociedade capitalista faz do trabalhador e do fruto de seu próprio trabalho. Se o trabalho possibilita a tomada de consciência e faz parte do processo de negação, que consciência e que trabalho é este da sociedade capitalista que divide e explora o trabalhador?

Essas indagações também estão presentes na história, a reconhecendo como história da luta de classes desde o fim das sociedades primitivas. Com isso refletir o sentido da igualdade e equidade é essencial, para que estes conceitos não atuem no escamoteamento das desigualdades culpando os desfavorecidos por não alcançar a tão almejada igualdade, os responsabilizando por sua própria miséria.

Todas essas inquietações podem ser relacionadas ao conceito de Estado em Marx percebendo nos dias atuais a proteção do Estado á burguesia, sobre tudo á propriedade privada, restando aos mais vulneráveis e aos trabalhadores as políticas sociais, que ainda são carregadas de conceitos assistencialistas e caritativos, sendo utilizadas de maneira focal apenas para manter um “exército reserva” de trabalhadores



aptos para a produção da mais valia, o que se sobrepõe às políticas sociais como direito conquistado na constituição de 1988.

Diante disso a consciência de classe se faz tão importante no processo de superação do capitalismo, esta consciência está presente no saber os interesses da classe, e na consciência de que a maioria tem pouco, e a minoria tem muito, está no reconhecer a divisão de classes como uma forma de explorar e alienar os sujeitos de maneira desigual. É possível perceber que a luta por uma sociedade menos desigual não é o suficiente e não rompe com a exploração que esta nas bases estruturais da sociedade, o capitalismo tem como sua gênese a divisão de classe e a exploração através da expropriação da mais valia pelo trabalho, sendo necessário lutar para eliminar a divisão de classes, para que não haja mais explorados e subempregos.

Então perceber o trabalho como mediador da superação e constituinte da sociedade, mostra que além de mediar a dialética da existência o trabalho também é dialético, pois é através dele que se evidencia o modo de produção de uma sociedade, e este condiciona o desenvolvimento da sociedade como um todo, ou seja, determinada força produtiva condiciona e produz classes dominantes controlando as relações de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a educação é tarefa dialógica e se torna uma práxis dialética quando passa a investigar a realidade dos envolvidos, e nesse percurso podemos perceber a educação por vezes colocada em contradição, nublando a vista dos professores, os dividindo e castrando sua criatividade, sendo compelidos a formar sujeitos aptos e capazes para uma realidade que não é a deles.

Esse caminho de confundir e atarefar os professores é opressão, e esta ocorre de tantas formas que em muitas vezes os educadores se tornam opressores também, inculcando um ideal burguês vendendo conquistas, trocando o diálogo e a construção pelo fazer e ter, de preferencia algo já pronto e padronizado o que reflete nos currículos escolares.

Com efeito, a globalização traz ao sistema educacional a necessidade de alcançar padrões internacionais, visto na construção dos currículos, nas avaliações e nas



metas a alcançar. Sem considerar a realidade multicultural do país, todos estes ideais são construídos sem o povo, sem os atores da ação educativa, se configurando uma opressão, por tanto a leitura de Pedagogia do Oprimido proporciona um alerta, aguça a criatividade, nos leva a utilizar a lente do materialismo histórico dialético refletindo a educação e tudo o que a estrutura, e cada vez mais a tese de Marx (1845), é necessária, “Os filósofos tem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes a questão, porém, é transformá-lo”.

Dessa forma pode-se refletir a importância da revolução cultural que constrói com o povo, com os alunos, permitindo e exigindo serem protagonistas de suas histórias, não reprodutores de uma cultura elitista que só faz a manter e dividir os oprimidos. A comunhão construtiva, a união neste caminho para a educação libertadora se faz pela conscientização e reflexão da realidade, que por sua vez é a práxis do sujeito, e este processo dialético se faz pelo diálogo, que possibilita a criatividade, a colaboração, e organização para construir e transformar.

Para isso, é essencial superar dicotomias através do diálogo, no intuito de desvelar a realidade, proporcionando que educadores e educandos investiguem seu papel na sociedade, trocando a conquista pelo diálogo, problematizando para construir e transformar a escola e o mundo. Sem perder a esperança é possível dar um passo atrás, tomar fôlego e refletir a prática pedagógica para poder “radicalizar” e transformar a ação educativa, para tanto o tema em nossa cabeça deve ser conscientizar e politizar.



REFERÊNCIAS

AMARILIO FERREIRA JR., Amarilio; BITTAR, Marisa. **Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008

BOTO, Carlota. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n. 44, p. 282-299, maio/ago 2010.

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. Construtivismo, psicologia e educação. In CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. **A desconstrução do Construtivismo na educação: crenças e equívocos de professores, autores e críticos**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.

ENGELS. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

Fernandes, F. (Org.) (1984) **K. Marx, F. Engels. História**. 2 ed. São Paulo: Ática.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KUENZER, A. Z. e MACHADO, L. R. S. A pedagogia tecnicista. In: MELLO, G. N. (org.) **Escola nova, tecnicismo e educação compensatória**. São Paulo: Loyola, 1982, p. 29-52.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: A defesa da educação como direito de todos. Campinas: UNICAMP. **Revista Educação e Sociedade**, Dec. 2000.

RUSSEFF, Ivan Católicos e liberais agitam a educação brasileira. **Série-Estudos** – periódicos do Mestrado em Educação da UCDB Campo Grande – MS, n. 11, p. 89-98. jan/jun.2001

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil** 4 ed. Campinas SP: Autores Associados, 2013.

SAVIOLI, Marcia Regina; ZANOTTO, Maria de Lourdes Bara. O real é edificado pela razão: Georg Wilhelm Friedrich Hegel. In: ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaços e Tempo: São Paulo: EDUC, 1996.

SELL. Carlos Eduardo. Karl Marx. In: _____, **Sociologia Clássica**. Itajaí: Univali, 2001.